

*Coleção  
Geledés no Sistema  
Internacional*

03

ESTRATÉGIAS DE COMBATE  
AO **RACISMO GLOBAL**





## ESTRATÉGIAS DE COMBATE AO RACISMO GLOBAL

MAIO 2025



# FICHA TÉCNICA

## COORDENAÇÃO EXECUTIVA:

Sueli Carneiro

## ELABORAÇÃO DE TEXTO E TRADUÇÃO:

Kátia Mello

## REVISÃO TÉCNICA:

Iradj Eghrari

## DIAGRAMADOR E DESIGNER: SENDIGITAL

Antônio Carlos “KK” Santos Filho

## ESTRATÉGIAS DE COMBATE AO RACISMO GLOBAL

G316

Estratégias de Combate ao Racismo Global / coordenação: Sueli Carneiro. - São Paulo : Geledés, 2026.

33 p. -- (Coleção Geledés no Sistema Internacional; v.3)

ISBN: 978-85-62750-49-6

1. Movimento global – Afrodescendentes. 2. Igualdade racial. 3. Racismo global. 4. Gênero e raça. I. Geledés Instituto da Mulher Negra. II. Título.

CDD 305.896

## Índices para catálogo sistemático:

1. Antirracismo: Racismo global: Desigualdade racial 305.896

Lucineia Pereira Ribeiro – Bibliotecária – CRB-8/10400

ISBN: 978-85-62750-49-6



realização





# SUMÁRIO

09

INTRODUÇÃO

11

APRESENTAÇÃO

17

PARTICIPANTES DO EVENTO

19

ÍNTEGRA DAS FALAS




# INTRODUÇÃO

Este documento dá continuidade à série de publicações iniciada com *Brasil e Durban – 20 anos depois*, que, embora não seja o primeiro volume, inspirou uma coleção de documentos publicados pelo Centro de Documentação e Memória Institucional de Geledés – Instituto da Mulher Negra. O Brasil e Durban – 20 anos depois foi lançado em 2021 e resultou de um esforço para refletir sobre os avanços e desafios 20 anos após a III Conferência Mundial contra o Racismo, realizada em Durban, África do Sul, em 2001. Este volume inaugural revisitou a histórica participação da sociedade civil brasileira no processo de construção de uma agenda política antirracista e antissexista no cenário internacional. Ele se tornou uma importante ferramenta de memória e inspiração, traçando os caminhos do ativismo negro e feminino no contexto global.

O presente documento, *Estratégias de Combate ao Racismo Global*, é o terceiro volume da coleção e aprofunda a discussão iniciada em *Instrumentalização do Racismo pelos Movimentos de Extrema Direita Global*, o primeiro volume da série. Este documento resulta de um evento promovido por Geledés em 31 de maio de 2023, na sede das Nações Unidas em Nova York, e amplia a análise do racismo estrutural no cenário global, com ênfase na crescente mobilização de movimentos de extrema-direita que têm instrumentalizado o racismo para fortalecer suas agendas autoritárias.

A partir das reflexões e análises compartilhadas pelos palestrantes no evento, o documento oferece uma visão detalhada sobre os desafios enfrentados pelos afrodescendentes e as estratégias para enfrentá-los. As propostas apresentadas durante o encontro destacam a importância da mobilização global contra o racismo e a necessidade de articulação entre diferentes movimentos e organizações. As discussões em torno da ação coletiva, da construção de alianças globais e da transformação de estruturas educacionais e culturais emergem como elementos centrais na resistência à ascensão de forças autoritárias e no combate à violência racial.

Em consonância com o espírito do evento, este volume sublinha a urgência de uma ação transnacional articulada contra os retrocessos semânticos e a erosão das democracias promovidas pelos movimentos de extrema-direita. Além disso, ele reafirma o compromisso com a criação de uma nova narrativa global, que reverbera os chamados dos palestrantes para o fortalecimento das lutas antirracistas e a busca por um futuro mais justo, onde os direitos humanos e a dignidade das populações afrodescendentes sejam garantidos.



Assim como o primeiro volume analisou a instrumentalização do racismo pelos movimentos de extrema-direita e seus impactos nas democracias contemporâneas, este terceiro volume expande essa reflexão ao explorar novas formas de resistência e ao apresentar caminhos urgentes para enfrentar os desafios contemporâneos. Ele se posiciona como uma ferramenta não apenas de denúncia, mas de proposta, inspirada nos debates e chamados à ação feitos pelos especialistas, ativistas e líderes presentes no evento.

**Sueli Carneiro**

Coordenadora Executiva

Centro de Documentação e Memória Institucional

**Geledés – Instituto da Mulher Negra**

# APRESENTAÇÃO

A desigualdade e a marginalização socioeconômica e política das populações afrodescendentes em diversas partes do mundo são problemas recorrentes. Soma-se a isso uma preocupação vigente com o escalonamento da extrema-direita global, que tem se utilizado do racismo, da xenofobia e de outras formas de intolerância para expandir suas influências país após país.

Diante deste cenário, em 31 de maio de 2023, em Nova York, Geledés – Instituto da Mulher Negra promoveu o evento “Estratégias de Combate ao Racismo Global”, realizado paralelamente ao Fórum Permanente de Afrodescendentes da ONU. O encontro reuniu a alta cúpula governamental do Brasil, lideranças das Nações Unidas e respeitados acadêmicos para discutir caminhos para a erradicação do racismo estrutural em escala mundial.

A mesa, moderada por Suelaine Carneiro, coordenadora do Geledés na área de Educação, contou com a participação da ministra da Igualdade Racial do Brasil, Anielle Franco; da perita membro do Comitê para a Eliminação da Discriminação Racial (CERD) da ONU, Gay McDougall; da presidenta do Fórum Permanente para Pessoas Afrodescendentes, Epsy Campbell Barr; e do diretor do Centro de Estudos Afro-Latino-Americanos da Universidade de Harvard, Alejandro de La Fuente.

O debate teve como epicentro a ascensão de regimes autoritários de extrema-direita ao redor do mundo e a instrumentalização do racismo como ferramenta de poder para a opressão e marginalização de afrodescendentes.

Na abertura do evento, Suelaine Carneiro fez o alerta de que a extrema-direita, impulsionada por ideologias fascistas, está se fortalecendo e ampliando as sequelas do colonialismo, tornando o racismo contemporâneo ainda mais complexo. Segundo Suelaine, o racismo e a discriminação racial representam riscos globais, comprometendo o progresso social e as futuras gerações.

“Para nós de Geledés e de muitas das organizações da sociedade civil com as quais dialogamos e que nos acompanham nesta iniciativa, é uma oportunidade para apresentarmos nossas preocupações, recomendações, desafios e compromissos com o Fórum Permanente e construirmos estratégias para a inclusão política, econômica, social, ambiental e cultural das pessoas afrodescendentes; para destacar práticas e oportunidades que podem ser replicadas em diferentes localidades e para analisarmos os avanços e limites que os Estados têm enfrentado na implementação da Década Internacional de Afrodescendentes”, disse ela.

O evento se propôs a convocar uma atuação conjunta das comunidades afrodescendentes para o enfrentamento ao extremismo da direita. “É nosso compromisso atuar para a construção de um movimento global de afrodescendentes contra o fascismo e o autoritarismo. Somente uma ação coletiva e articulada de estratégias em defesa de afrodescendentes, africanos e demais grupos historicamente discriminados e desfavorecidos, é que será possível frear o avanço contínuo dos grupos extremistas, que possuem nas redes sociais um largo espaço para a disseminação rápida de suas ideias e planos de violências”, afirmou Suelaine.

A primeira a discursar foi a ministra Anielle Franco, que logo de início ressaltou a trajetória de sua irmã, a vereadora Marielle Franco, assassinada em 2018, destacando a relevância da liderança das mulheres negras na luta contra o racismo.



A ministra recordou que sua chegada ao governo foi fruto de uma longa caminhada de militância e resistência, destacando a importância do respeito às gerações anteriores na luta antirracista. “Esse nosso respeito com quem veio antes é primordial. As gerações mudam, evoluem, mas precisamos nos complementar para fortalecer a luta.”

Em sua atuação na arena internacional como ministra da Igualdade Racial, Anielle mencionou ter se deparado com desafios importantes como a negação do racismo por autoridades europeias. “Enfrentar a extrema-direita no Brasil já é difícil. Agora, enfrentar a extrema-direita globalmente é um desafio ainda maior. Como sentar com a ministra de Assuntos Parlamentares de Portugal e ouvi-la dizer que não há racismo, enquanto mulheres negras brasileiras denunciam atrocidades?”, questionou.

Ela também lembrou o caso do jogador de futebol Vinícius Júnior, alvo de insultos racistas na Espanha, denunciando a resposta do governo espanhol ao afirmar que “não há racismo” no país. “Ainda bem que conheci Sueli Carneiro e outras acadêmicas para impulsionar minha raiva para outro lugar”, afirmou ao enfatizar a necessidade de canalizar a indignação em ações concretas.

Nesse campo de iniciativas concretas, Gay McDougall celebrou os avanços conquistados recentemente pela população negra no Brasil, mas alertou para a necessidade de haver mudanças estruturais profundas e irreversíveis na luta contra o racismo. Ao retomar sua passagem pelo Brasil, em 2002, McDougall relatou a evolução das políticas de ação afirmativa ao longo das últimas décadas no país. “Naquela época, me diziam que ação afirmativa não funcionava. Hoje vejo o quanto foi conquistado”, disse.

A perita do CERD lembrou o momento em que esteve à frente da discussão prévia ao Comitê para a Eliminação da Discriminação Racial quando a ONU revisava o Brasil. “Foi uma época difícil, porque, como sabem, antecedia as eleições (à presidência do Brasil)”, disse ao mencionar os documentos enviados ao comitê pelo governo Bolsonaro.



Neste contexto, McDougall explanou as diferenças entre as gestões dos presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Bolsonaro no combate à discriminação racial. Segundo ela, o governo Lula foi responsável por avanços significativos, como a criação de programas de ação afirmativa e combate à pobreza, enquanto que a gestão Bolsonaro foi na direção contrária ao dismantelar muitas dessas iniciativas.

“Foi um ponto de inflexão na história do Brasil. Um governo se engajou em iniciativas gigantescas contra a pobreza e pela educação, enquanto o outro retrocedeu nesses avanços”, observou.

A representante do CERD ressaltou ainda que, apesar de os afrodescendentes do Brasil formarem maioria populacional, são minoria nos espaços de poder, inclusive no atual governo. “Vocês precisam lidar com isso. Para ter poder, é necessário ser maioria na tomada de decisões”, advertiu.

McDougall encerrou seu discurso com um chamado à ação, incentivando a população negra brasileira a fortalecer sua articulação política e ampliar suas redes de apoio. “A transformação deve ser tão profunda que se torne irreversível. Esse é o verdadeiro desafio”, concluiu.

Na sequência de McDougall, Epsy Campbell, evidenciou a trajetória histórica de Geledés na luta pelos direitos das mulheres afrodescendentes na América Latina.

“Aprendemos muito com as mulheres de Geledés sobre como incidir na luta contra o racismo a partir da nossa própria experiência”, afirmou Campbell, ao enfatizar que o racismo global afeta de maneira distinta as mulheres negras, limitando seu acesso a espaços de poder e aprofundando desigualdades históricas.

Ao abordar a intersecção entre racismo e gênero, Campbell alertou para a negação histórica dos corpos negros, especialmente das mulheres negras. “O racismo se manifesta nos nossos corpos, desde a forma como nos vestimos até a maneira como falamos e nos movemos. Nos dizem de muitas maneiras que somos um erro da natureza”, pontuou.

Para combater essa realidade, ela defendeu a atuação coletiva e a construção de uma comunidade antirracista forte e organizada. “Se não fizermos parte de uma tribo que nos protege, será impossível avançar. O racismo está institucionalizado de todas as formas”, disse, chamando a atenção para a necessidade de narrativas próprias sobre a vivência negra. “Precisamos contar nossa história. Quero que façamos um livro com mil e uma experiências racistas, registrando o que vivemos no dia a dia”.

Encerrando sua fala, Campbell convocou a juventude e as mulheres negras a assumirem o protagonismo da desconstrução do racismo institucionalizado. “Desconstruir o racismo é dismantlar instituições que não nos reconhecem como cidadãs”, afirmou.

Na sequência, Alejandro de La Fuente se baseou em sua longa experiência acadêmica para enfatizar o papel fundamental das instituições educacionais na construção de sociedades mais inclusivas e livres de racismo. Em sua fala, ele enfatizou a urgência de transformar as universidades e os sistemas educacionais para combater as desigualdades estruturais e o racismo historicamente naturalizado. “O racismo não é apenas uma questão de distribuição desigual. O racismo é tão claro que se reproduz como um sistema de saber. É um sistema de saber que foi naturalizado”, disse.

Desde a criação do Instituto de Pesquisas Afro-Americanas de Harvard, De La Fuente tem trabalhado em estreita colaboração com os movimentos sociais globais. Para o acadêmico, o racismo não se limita a uma distribuição desigual de recursos e oportunidades, mas se reproduz por meio de um sistema de saberes que o naturaliza. “A academia pode contribuir com algo muito importante, que é a necessidade de desaprender para reaprender”, afirmou.

Assim como Anielle Franco e Epsy Campbell, o professor de Harvard fez menção ao caso de racismo contra o jogador Vinícius Júnior como um exemplo de persistência da naturalização da discriminação global. “Muitas pessoas não entendem essa agressão porque certas ideias foram tão normalizadas que não geram indignação suficiente”, explicou.

De La Fuente também ressaltou a necessidade da interdisciplinaridade no combate ao racismo. Neste sentido, ele pontuou o atraso da academia ao dizer que ela “ainda está estruturada como se estivesse no século XIX, enquanto o racismo opera de maneira ampla e capilar em todas as esferas da sociedade”. Segundo o professor, o racismo se encontra “em todos os espaços de poder” e, sendo assim, qualquer política pública eficaz deveria levar em conta a complexidade racial.

Outro ponto relevante de sua explanação foi a ideia de criar espaços antirracistas dentro das universidades. Ele afirmou que programas de estudos afro-americanos, como o de Harvard, surgiram tardiamente e enfrentaram resistência dentro das próprias instituições acadêmicas tradicionais. “Esses espaços são fundamentais para jovens acadêmicos negros, que encontram neles validação, apoio e empoderamento indispensáveis para suas carreiras”, argumentou.

Por fim, De La Fuente relacionou essa transformação acadêmica aos objetivos da Década Internacional de Afrodescendentes, promovido pela ONU, que enfatiza o reconhecimento da população negra e sua contribuição para a sociedade. “Conhecer novamente é reconhecer. Não vamos acabar com o racismo sem que haja esse processo”, concluiu.

Para ele, a academia precisa se tornar um motor ativo na construção de um mundo mais igualitário. “Se o desafio é criar espaços livres de racismo, a academia tem que ser uma indústria de produção desses espaços. Mas, para alcançar isso, precisamos reformar as estruturas acadêmicas, algo que ainda não foi plenamente feito na América Latina”, finalizou.



Na finalização do evento, a diretora e fundadora de Geledés, Sueli Carneiro, que acompanhava o evento pela internet, encaminhou a seguinte mensagem:

Gratidão à ministra Anielle Franco, à presidente do Fórum, Epsy Campbell, à incansável perita do CERD, Gay MacDougall, e ao diretor do Centro de Estudos Afro-Latino-Americanos da Universidade de Harvard, Alejandro Della Fuente, por prestigiarem essa iniciativa de Geledés.



## PERFIS DOS PARTICIPANTES DO EVENTO “ESTRATÉGIAS DE COMBATE AO RACISMO GLOBAL”

---

### **Anielle Franco**

Anielle Francisco da Silva, mais conhecida como Anielle Franco, é ministra da Igualdade Racial. Ativista do movimento negro e feminista, ela é professora, jornalista e filiada ao Partido dos Trabalhadores. É fundadora do Instituto Marielle Franco.

### **Gay McDougall**

A professora de Direito é perita membro do Comitê da ONU para a Eliminação da Discriminação Racial (CERD). Vencedora do prestigioso prêmio MacArthur “Genius”, McDougall já está há mais de três décadas nas Nações Unidas, ocupando vários cargos importantes, sempre relacionados às questões de raça, equidade e justiça no contexto global.

### **Epsy Campbell Barr**

É presidenta do Fórum Permanente para Pessoas Afrodescendentes da ONU. Em 2018, tornou-se a primeira mulher e afrodescendente a assumir o cargo de vice-presidente de um país da América Latina, no caso seu país, a Costa Rica.

### **Alejandro de La Fuente**

É diretor fundador do Instituto de Pesquisa Afro-Latino-Americana da Universidade de Harvard. É professor e historiador da América Latina e do Caribe, especializado no estudo da escravidão comparada e relações raciais.

### **Suelaine Carneiro**

Coordenadora de Geledés na área de Educação.

*Todos os cargos acima correspondem à época do evento*



## SEQUE ABAIXO A ÍNTEGRA DOS PARTICIPANTES

### SUELAINÉ CARNEIRO

A graphic element consisting of a white speech bubble with a gold border and a gold shadow, containing two large gold quotation marks. A vertical gold line extends from the top of the page down to the top of the speech bubble.

Boa tarde a todas, todes e todos.

É um prazer para nós realizarmos essa roda de diálogos e proposições no Fórum Permanente, espaço criado pela Assembleia Geral das Nações Unidas como parte das ações da Década Internacional de Afrodescendentes.



Também é a oportunidade para que possamos retomar os princípios da Declaração e Programa de Ação de Durban, adotado há 20 anos para o enfrentamento a todas as formas de discriminação racial.

Para nós de Geledés e de muitas das organizações da sociedade civil com as quais dialogamos e que nos acompanham nesta iniciativa, é uma oportunidade para apresentarmos nossas preocupações, recomendações, desafios e compromissos com o Fórum Permanente e construirmos estratégias para a inclusão política, econômica, social, ambiental e cultural das pessoas afrodescendentes; para destacar práticas e oportunidades que podem ser replicadas em diferentes localidades; para analisarmos os avanços e limites que os Estados têm enfrentado na implementação da Década Internacional de Afrodescendentes.

Em comum, afrodescendentes ao redor do mundo têm experienciado situações de marcante desigualdade e marginalização socioeconômica, política e cultural, e os Estados, em geral, têm realizado baixos esforços para a reversão das desigualdades raciais nos diferentes âmbitos sociais, bem como sobre as ações para a reversão do racismo sistêmico que perpetua as mesmas condições de vida entre diferentes gerações de pessoas afrodescendentes.

Contudo, além de termos que nos deter em análises sobre avanços, práticas, os desafios e as oportunidades nas condições de vida de povos de origem africana, também se faz urgente a análise e discussão de forma de enfrentamento ao racismo global, isto é, às ações articuladas da extrema-direita e sua ascensão em diferentes partes do mundo.

A extrema-direita fascista ressurgiu com força, da Europa para diferentes partes do mundo, tendo no racismo, xenofobia, e intolerâncias correlatas seus instrumentos para a cooptação de novas mentes em diferentes localidades, ampliando as sequelas do colonialismo e complexificando o racismo contemporâneo.



Compreendemos que o racismo e a discriminação racial se apresentam como riscos planetários que comprometem as futuras gerações e podem se tornar obstáculos intransponíveis para o progresso da sociedade humana.

Portanto, o que nos propusemos a realizar aqui é uma mesa de enfrentamento ao extremismo da direita global, que aglutina extremistas de direita em uma dimensão transnacional, reafirmando o neoliberalismo e impondo uma nova onda conservadora na sociedade.

É nosso compromisso atuar para a construção de um movimento global de afrodescendentes contra o fascismo e o autoritarismo. Somente como uma ação coletiva e articulada de estratégias em defesa de afrodescendentes, africanos e demais grupos historicamente discriminados e desfavorecidos, é que será possível frear o avanço contínuo dos grupos extremistas, que possuem nas redes sociais um largo espaço para a disseminação rápida de suas ideias e planos de violências.

Mais do que defender africanos e afrodescendentes, nosso diálogo aqui é coletivo e é para integrantes de diferentes grupos raciais. Estamos falando em defesa dos Direitos Humanos, da ONU e suas declarações, e em particular da Declaração e Plano de Ação de Durban, assim como para reafirmar a Década Internacional de Afrodescendentes, uma agenda inconclusa e que necessita de uma nova rodada de esforços e compromissos.

E para isso conto aqui com amigas e amigos que possuem um histórico de compromisso e atuação contra o racismo, em favor dos direitos humanos, e por um mundo em que todas, todes e todos sejamos livres.

## ANIELLE FRANCO

”

Eu sempre gosto de falar e trazer o que nós estamos fazendo, mas também pensar de onde nós viemos e para onde estamos pensando em ir. É engraçado porque essa frase foi algo que a minha mãe sempre ensinou a mim e à minha irmã desde pequena. Quando a gente ia sair da Maré, ainda muito crianças, para estudar, ela falava sempre: ‘Vocês têm que saber de onde vieram, saber onde vocês estão, para saber onde querem chegar’.

Eu acho que nunca isso fez tanto sentido na minha vida desde 2018 para cá. Porque ao mesmo tempo em que estamos aqui hoje nessa construção histórica, com uma mesa como essa, com pessoas como nós, ao mesmo tempo que retomamos esse ministério, que tem o histórico de luta de muitas pessoas que vieram antes de nós, com muito respeito e fala, precisamos também fortalecer isso agora para que se mantenha firme, para que quando saíamos, os trabalhos continuem. Por isso, eu queria fazer algumas costuras, que é saber quem veio antes.

Esse nosso respeito com quem vem antes da luta é primordial para pensarmos que as gerações vão mudando, evoluindo, mas também precisamos cada vez mais nos complementar.

Quando assumimos o ministério, e ainda um pouco antes, quando perdemos a Mari e nos vimos em um lugar de ter que tomar uma liderança mundial, enfrentamos muitas situações racistas. Porém, situações onde precisávamos, e eu vou usar a palavra nos impor, mas também de maneira às vezes acadêmica, às vezes profissional, às vezes mais dura, nessa construção. E aí sempre tinha alguém que a gente ligava para perguntar. Nilza (Nilza Iraci, coordenadora de Geledés) está aqui para dizer.

E quando ao adentrar outros espaços e outros países para pensar os nossos próximos passos, encontrávamos muita coletividade e muitas lutas em comum.

O que nos torna capazes de evoluir e de pensar nesses espaços futuros é quando temos essas trocas e nos identificamos não só na dor, na piedade, mas também em outras situações muito marcantes. Assumir esse legado parcialmente, que não é um legado único de uma pessoa, de uma família somente, mas um legado mundial, global, onde, mesmo na dor, vai se conectando com outras histórias. Esta foi uma demanda desafiadora, mas nada é tão desafiador quando queremos fazer políticas públicas imediatamente, do dia para a noite, e se dar conta que a máquina não funciona assim. E se dar conta de que enfrentar esse racismo global, enfrentar a direita, enfrentar quem já domina a máquina também é um desafio.



Estou dizendo tudo isso porque mesmo vindo da favela da Maré, tendo estudado 12 anos, com uma formação acadêmica e perdendo a minha irmã dessa maneira, criando um instituto, trabalhando com mulheres negras dentro do instituto para que pudéssemos impulsionar e protagonizar essas mulheres, ainda assim é cruel o que temos enfrentado e o que estamos enfrentando, e talvez o que ainda iremos enfrentar daqui para frente.

Eu queria começar dizendo um pouco sobre a realização de um sonho concreto. Então, quando estava na ONU discursando enquanto ministra da Igualdade Racial, foi impossível não me emocionar ontem. Mas também é impossível não me emocionar hoje. Por vários motivos, mas principalmente porque espaços como aquele nos foram negados historicamente durante séculos e séculos.

Estar construindo esse lugar e, ao mesmo tempo, ter que diariamente comprovar que, mesmo na dor, a gente consegue – é difícil – enfrentar a extrema-direita no Brasil já tem sido difícil. Porque sabemos do que eles são capazes de fazer. Agora, enfrentar a extrema-direita globalmente falando, e nos sentarmos com a ministra de Assuntos Parlamentares em Portugal e ela dizer que não tem racismo -- enquanto as mulheres negras brasileiras estavam denunciando atrocidades!! Ou enfrentar o governo espanhol que diz que aqui também não há racismo! E ver um estádio com 50 mil pessoas chamando o Vini Jr. do que chamaram.

Enfrentar a extrema-direita e sentarmos cara a cara com a Damares e a Damares dizer que estava esperando dar um abraço em mim, na minha mãe, depois de tudo o que ela fez nos últimos dois anos.

Ainda bem que conheci Sueli Carneiro na minha vida, bem como conheci outras acadêmicas que me fizeram entender que é normal ter raiva neste lugar. E que essa raiva também pode me impulsionar para estar aqui. Eu sei que poderíamos ficar aqui durante muitas horas e horas falando, mas eu queria dizer que, dentro do nosso ministério, enquanto eu estiver lá, teremos quase 90% de mulheres negras naquele lugar. Quase 90% de pessoas negras. E as pessoas, quando entram lá, falam: 'Nossa, como tem gente preta!'. E eu falo: 'É, a gente existe!'. Ou criar um decreto com 30% para a Esplanada que nunca foi tão preta. Ou fazermos um acordo com o governo espanhol para pensar em uma lei contra o racismo que nunca saiu do papel.

Enfim, para além de tudo isso, eu queria mesmo dizer aqui, Suelaine, e para todos aqui presentes, sobre a importância dessa nossa rede, desse nosso cuidado. Não teve uma decisão tomada até agora, nesses cinco meses de governo, que eu não consultasse alguém mais velho do que eu. E eu uso a palavra "mais velho" porque são pessoas experientes.

Então, acho que a Nilza aqui pode levantar se eu estiver mentindo, e falar que, no dia do convite, eu me reuni com ela, Lúcia e Jurema.

Antes, eu liguei para a Sueli, e eu nunca vou esquecer como a Sueli me atendeu. Eu liguei e ela disse: 'Oi, ministra!'. Antes mesmo de eu aceitar (o cargo de ministra). Depois liguei para a Benedita, e ela também, da mesma maneira, me cumprimentou antes mesmo de eu aceitar. Então, todos os nossos passos, que vêm de muito longe, de muito antes, estão agora, e espero que sim, se concretizando em políticas públicas eficazes, em ações conjuntas.

Para além de fazer história subindo naquele púlpito e podendo falar da minha irmã, e podendo falar do meu trabalho, fizemos história ao termos esse ponto focal com as meninas e as mulheres brasileiras negras que aqui enfrentam.

Queria dizer um pouco sobre essa construção difícil que tem sido feita, mas também, ao mesmo tempo, histórica para garantir que esses passos no presente possam se fortalecer no futuro. A retomada do JAPER (Plano de Ação Conjunta entre o Brasil e os Estados Unidos para promover a igualdade racial e étnica assinado em 2008) é um passo que vem de muito antes, de ministras excelentes, de pessoas que já estavam ali construindo, em uma construção com a sociedade civil.

Tem duas frases que vocês ainda vão me ouvir muito repetir, e eu tenho repetido desde o dia 12 de novembro. A primeira frase que eu tenho falado em todos os lugares que tenho ido - fui chamada para a convocatória da Câmara e fui chamada para a convocatória do Senado e não tive nenhuma agressão ali naqueles momentos- foi sobre o respeito, sobre a empatia, sobre o nosso protagonismo, sobre o nosso lugar, que a gente vai entrar.

Eles queiram ou não, mas comecei dizendo sobre a importância de que eu não vou mudar, eu, Anielle, jamais vou mudar por ser ministra da Igualdade Racial ou por passar por esse lugar. É a política que tem que mudar para que possamos caber nela.

Eu não vou mudar para caber dentro da política. Eu jamais vou mudar quem eu sou para dar conta disso. Eu sei que mataram a minha irmã, talvez pela postura dela, mas também por tudo o que ela representava. Eu não estou aqui para perder tempo de ficar pensando em agradar ou não. Eu vou seguir mantendo os meus valores e o meu respeito e eu vou entrar, até porque como a Marielle tem aquela fala da mulher eleita, fui nomeada e eles vão ter que me aturar enquanto eu estiver aqui, é isso aí.

As mudanças aqui dentro serão mudanças que virão de fora para dentro. Então, eu tenho que saber de onde vim, lá da favela da Maré, e a Andressa, que está aqui, e outras pessoas também sabem onde eu estou, onde quero chegar e quem quero trazer comigo, e quem quero impulsionar, que é o meu povo que está sofrendo, que está morrendo. São os nossos homens, as nossas crianças, que não têm essa saúde, essa educação. É por isso que ser transversal é tão importante. É cansativo, porque às vezes não somos vistas dentro das finanças, dentro das questões orçamentárias, mas a gente existe. Portanto, enquanto eu estiver aqui, eles vão saber que a gente existe. Essa é uma das frases.

A outra frase é essa questão de que estamos o tempo inteiro tendo que nos comprovar eficaz e profissionalmente, dizendo que somos capazes de estar nesse lugar. Ao mesmo tempo que isso cansa, impulsiona. Então, eu queria encerrar a minha fala, para além de agradecer o lugar de estar aqui, para além de entender de onde a gente vem, para além de pensar essas questões de articulações internacionais, que eu acho que foi fortalecido muito também com a nossa postura, como nós nos relacionamos após o assassinato da Marielle.

Eu sei que é difícil quando a gente fala de política, e é engraçado agora estando nesse outro lugar, porque hoje nós sentamos com as organizações da sociedade civil. Para encerrar, sabe aquela pessoa desconfiando que falou assim: 'Ah, eu sou do governo?' A pessoa olhada e falada, será que podemos confiar (nela)? E, agora, eu estou nesse outro lugar, e a gente tem que falar: 'Confia em mim, sabe'? Eu tenho ali o meu caráter. E a gente está aqui para construir isso. Então, quero dizer a vocês que a gente não sabe, mas a política é um pouco disso, quando não nos tiram a vida, às vezes tentam nos boicotar de outra maneira, ou nos tirar desses espaços de outra forma.

Temos feito e decidido com muito respeito, mas também com muito pé na porta, para dizer que a gente está aqui, que as nossas políticas públicas para a igualdade racial vão permanecer, que a gente vai lutar para que esse lugar seja fortalecido, que a gente vai seguir enfrentando como nós enfrentamos até agora, nós viajamos para Portugal, Espanha e Estados Unidos, e pautamos historicamente dentro da Casa Branca, olhando o presidente Biden, e falando para ele sobre a importância de ter esse lugar, porque são situações que perpassam aqui e lá. Não é à toa que em 2020 tivemos George Floyd e Marielle sendo comparados com as atrocidades dentro de uma pandemia, não queríamos morrer de tiro, de Covid ou de fome.

E dizer para vocês que estamos incansavelmente trabalhando com muita transparência para que reuniões como a que tivemos hoje com quilombolas e com tantas outras mulheres negras, reuniões como essa, para que mulheres e os nossos homens negros possam permanecer vivos, saudáveis, adentrando espaços e tendo condições de uma vida digna, que é o que estamos falando já há muito tempo, do nosso bem viver e que, infelizmente, ainda nos atravessa. Mas enquanto eu tiver sangue nas veias e disposição para lutar, iremos adiante com isso, seguiremos tocando firmemente por nós e para as nossas próximas gerações também.

## GAY MCDOUGALL

A graphic element consisting of a white speech bubble with a gold border and a gold shadow, containing two large gold quotation marks. A thin gold vertical line extends upwards from the top of the bubble.

Nem dá para dizer o quão maravilhoso é estar aqui entre todos vocês. A última vez que estive no Brasil, acredito que tenha sido em 2002, era um momento em que eu estava levando uma delegação dos Estados Unidos para falar sobre ação afirmativa. E me disseram, não, isso realmente não funciona. Foi um momento inicial e agora vejo tudo o que vocês conquistaram e fizeram.

É emocionante estar aqui com vocês. Hoje sinto que tenho que aprender com vocês, porque vieram de uma longa caminhada e também em razão de tudo que eu tenho assistido em várias comunidades negras ao redor do mundo que lutam contra diversos tipos de opressão.

Uma coisa que aprendi é que realmente a revolução vem de dentro dos países, não de fora. Portanto, há certamente um lugar em que nós, em nível internacional, teremos um papel a cumprir e devemos fazê-lo sob a orientação de vocês. Isso depois de entender o que vocês realmente querem de nós e o que precisam de nós; como enxergam e analisam suas circunstâncias.

Foi isso que consegui fazer no ano passado, quando tive o desafio de liderar a discussão prévia ao Comitê para a Eliminação da Discriminação Racial no momento em que revisamos o Brasil. Este foi um grande desafio para mim. Alguns dos meus colegas do Comitê não entenderam assim. Foi uma época difícil, porque, como sabem, antecedia as eleições (à presidência do Brasil).

Eu dizia aos meus amigos que não sabia o que viria, porque não estava totalmente claro naquela época. O relatório que estávamos revisando foi escrito, suponho, pelo governo Bolsonaro. Foram eles que vieram antes de ser defendido (o relatório). Ao lê-lo, notava-se que havia algumas mudanças de governança em relação ao governo Lula. No fundo, alguns deles estavam apressados. Era, a princípio, a posição do governo Bolsonaro.

Não há como negar as diferenças entre os dois governos. Um governo se engajou em iniciativas gigantescas contra a pobreza, com esforços de contenção, que receberam muita atenção internacional, inclusive causando um grande impacto na comunidade internacional. O governo fez isso através de programas como a ministra aqui terá de liderar; programas para aliviar a fome.

Também havia os programas de ação afirmativa que foram iniciados. E isso teve um impacto evidente e inegável, tanto no setor de educação, como também no setor de emprego, em certos ministérios governamentais. Havia uma grande esperança de mudanças em outros ministérios. Porém, isso tudo foi desmantelado, até o ponto em que acompanhei, pelo governo Bolsonaro.

Portanto, este foi um ponto de inflexão na história do Brasil. E foi isso o que eu consegui mostrar ao Comitê. Agora, quais são os propósitos para o futuro? Porque ele está parcialmente em suas mãos. E repito, parcialmente.



Outra coisa que aprendi no meu trabalho ao redor do mundo, com vários governos e comunidades tentando lidar com a opressão, é que a mudança deve ser profunda e irreversível. E isso é muito difícil de fazer. Porque, como sabemos, sobre a nossa situação nos Estados Unidos, em um momento tivemos o Obama, e esse foi um momento brilhante para todos nós, e em outro tivemos o Trump. Depois tivemos o Biden, que estava indo bem, mas eu não posso dizer que não teremos o Trump novamente.

Portanto, a mudança deve ser tão profundamente estrutural que não haveria como ser reversível. Esse é o problema a ser enfrentado com os poderes globais de governos autoritários, agora conectados em uma aliança ao redor do mundo inteiro. Eles estão trabalhando, e eles têm poderes.

No final, eles não irão vencer. Mas a pergunta que fica é: quanto tempo irá levar para que realmente seja restaurado o total controle do poder? Portanto, ofereço essa sugestão de que a mudança estrutural profunda deva estar ancorada no governo. E como eu disse outro dia quando estávamos discutindo reparações, elas não são programas para vencer a pobreza, nem são ações afirmativas. Elas precisam estar orientadas sob a perspectiva de Estado e não sob qualquer governança, não sob a perspectiva de algumas visões sociais, porque governos autoritários estão assumindo o poder e nesse caso o Estado se torna opressivo, autoritário, repressivo. Portanto, acredito que neste momento vale a pena fazer uma reflexão sobre isso.

Os afro-brasileiros são maioria, no Brasil, correto? Mas mesmo no governo Lula, são minoria; então vocês precisam lidar com isso. E precisam lidar com isso enquanto possuem algum poder. Ou seja, vocês precisam ser maioria na votação, pois é assim que se tem poder. Existem outras maneiras de obter poder, mas não estou falando sobre isso. Vocês precisam ser maioria no governo. E isso requer, talvez, algumas estratégias diferentes das quais estão pensando até agora. Só para fazer uma comparação, começamos a lidar com esse tipo de coisa nos Estados Unidos, onde somos minoria. Tivemos que fazer alianças aqui neste país. As alianças que vocês fizerem não precisam ser tão amplas como as nossas, mas precisam refletir sobre isso.

Outra coisa que gostaria de falar é sobre a força desta aliança de governos autoritários e supremacistas brancos em todo mundo. Eles estão se apoiando, fazendo trocas de informações. Eles aprendem entre si mesmos. E, neste sentido, acredito que o fato de vocês serem uma nação que fala o português no continente americano, cria um certo tipo de isolamento.



Portanto, vocês precisam suprir essa falta de alguma forma. Não quero dizer que precisam suprimir a força do português, mas vão ter que lidar com isso, porque vocês estão se dirigindo a muitas pessoas ao redor do mundo que compartilham de suas visões e aspirações para um futuro e que podem se tornar seus aliados nessa luta. Se vocês tiverem, sei lá, 50 ou 100 pessoas que podem conversar imediatamente com integrantes de outros países, vão precisar de centenas de contatos. E esses seus contatos com outros grupos precisam ser multiplicados. De certa forma, isso não está estruturado. Vocês precisam ser capazes de dialogar não apenas conosco da ONU, mas com todo o resto. Vocês precisam conversar com as pessoas que estão na oposição.

Se eles estão experimentando outras coisas, é preciso entender o uso dessas coisas. Por isso é preciso criar alianças, porque essa questão racial é transnacional, sempre foi um negócio global. E as forças do autoritarismo são globais e trabalham também globalmente.

Eu não sei como se faz isso, como se alcança essa temática de ser capaz de interagir de maneira mais livre com muitas outras pessoas que estão no mundo na mesma luta. Isso é algo que terão que descobrir.

## EPSY CAMPBELL BARR

A graphic element consisting of a white speech bubble with a gold border and a gold dot at the top, containing two large gold quotation marks. A vertical gold line extends from the top of the page down to the dot.

Geledés é uma organização histórica para nós, as mulheres afrodescendentes da América Latina. Nós aprendemos muito com elas a incidir em uma luta desde a perspectiva das mulheres. Elas fizeram um esforço extraordinário, e por isso eu gostaria de pensar um pouco em estratégias para combater o racismo de uma perspectiva das mulheres.

Porque o racismo global se manifesta de uma forma muito diferente sobre nós, as mulheres. Evidentemente, o fato de termos muito mais limites para acessar espaços de poder nos coloca em uma situação de maior desvantagem. Estou muito feliz que a ministra Anielle Franco faça parte deste debate e de ter aqui pessoas como a professora Gay McDougall, uma autoridade no assunto.

Se há uma negação dos corpos, desde o racismo sistêmico, o lugar que ocupa a negação dos corpos das mulheres afrodescendentes é realmente impensável. E, claro, inaceitável. O racismo se coloca em campo de batalha de nossos próprios corpos. Os corpos negros, no geral, e os corpos das mulheres negras ainda mais em particular. Isso se trata de nos negarem estrutura, do nosso físico mais elemental, da nossa estética, da nossa forma de olhar e caminhar, da forma como falamos e nos movemos. Se trata desse racismo sistêmico de nos dizer de várias maneiras que somos um erro da natureza.

E sem dúvida, as mulheres negras resistem mais uma vez.

Vou contar uma experiência que tivemos como Centro de Mulheres Afro e como Instituto Afrodescendente para a Investigação e o Desenvolvimento. Foi na promoção de um espaço que é a Coalizão Global contra o Racismo Sistêmico e Pelas Reparações. Apenas se nos organizarmos e atuarmos como um coletivo é que poderemos confrontar as manifestações profundas de racismo. Porque realmente ele está institucionalizado de todas as maneiras.

Se não fizermos parte de uma tribo que nos protege será impossível. A estrutura desaba sobre nós como um rolo compressor que não nos permite sequer levantar a voz para pedir pela paz ou içar a bandeira da paz. De maneira que, a articulação seria primeiramente para anunciar uma recusa frontal ao racismo sistêmico, que é um tema que temos que aprender.

Porque nós nos embasamos na máxima de não esquecer, mas a principal é a de não repetir. E conosco se repete sistematicamente a história da exclusão. Então, o que a coalizão faz é criar uma comunidade antirracista. Conscientemente, nós nos sentimos como parte de um espaço que luta contra o racismo sistêmico. Nós, mulheres afrodescendentes, reivindicamos isso, que nos chegam de todas as maneiras. Desde a maneira como nos vestimos, como usamos as cores, como nos posicionamos frente ao mundo, como tratam nossos corpos na institucionalidade, sempre colocando em perigo nossas vidas.

Isso é o que podemos enfrentar na coletividade. Quantas pessoas e mulheres daqui já foram vítimas de algum ato de racismo? Se alguém não levantar a mão, eu acreditaria que é extraterrestre. Não há possibilidade de andar com essa roupa, e de não ter tido uma única experiência de discriminação.

Nós temos que começar a contar a história. Um dos elementos da coalizão é para que contemos as nossas histórias. Quero que façamos um livro de mil e uma experiências racistas. Para quê? Para que nós, quando o fizermos, saibamos que tudo já está registrado. Exatamente assim é como vocês devem atuar. Digo mil e uma, porque seria um milhão de histórias, contadas em primeira pessoa sobre como se manifesta o racismo sistêmico em nossa vida cotidiana.

Vocês sabem que eu faço parte da política, mas o que não sabem é quantas vezes me fizeram a mesma pergunta: 'Mas, Dona Epsy, você foi vítima de racismo?' Quero me surpreender de novo. Porque o que eles querem, nesse caso, não é contar a nossa história, mas se apropriar dela. Se apropriar da história para estigmatizar o que fazemos a partir dessa história singular.

Eles não têm nenhum interesse em saber estruturalmente o que precisam fazer para erradicar o racismo. Se não os encurralarmos, como para dizer que estamos reclamando ao mundo, apesar de haver esse espaço de poder e de privilégios. Como se os espaços que usamos não fossem espaços que estão consignados como direitos nas Constituições de nossos países. Nosso caso não é de privilégios, visto desde a perspectiva do outro lado onde nos colocaram.

Então, o primeiro (passo) é (fazer) uma ação coletiva. O segundo é trabalhar com as palavras, construir o idioma antirracista. E não permitir a ninguém que nos impeça, porque quando formamos parte de uma comunidade antirracista, formamos parte de uma tribo, e a tribo nos dá segurança. O que você está fazendo, está sendo apoiado por outros.

Se esperamos que as mulheres que são vítimas de maus tratos no sistema de saúde sejam elas mesmas as que têm que se defender, isso resultará em uma estrutura que irá desabar por duas vezes, porque elas já se encontram em uma condição de vulnerabilidade. Mas que sejamos nós, como um coletivo, e que chamamos de coletivo antirracista, em nosso caso chamamos de coalizão global contra o racismo sistêmico, que estejamos fazendo esse idioma, esse trato particular, essa denúncia desde o coletivo, e não de forma individual.

A segunda coisa é fazer um esforço de aliança com instituições e empresas para declarar espaços livres de racismo. E o que é um espaço livre de racismo? É um espaço onde não se permite nenhuma manifestação racista e de discriminação. É um espaço onde se sensibiliza as pessoas para que aprendam o que é racismo e discriminação. É um espaço onde se dá um tratamento especial e se abrem as portas para as pessoas que historicamente foram discriminadas. E é um espaço onde, abertamente, se declara ser um espaço antirracista. Porque não ganhamos nada com os antirracistas que nos dizem que são antirracistas nas salas onde somos a maioria. Na verdade, isso é muito conveniente, mas não muda em absolutamente nada.



Precisamos, para além disso, ter alguns círculos de apoio às vítimas do racismo. Ministra, adorei quando você falou do Vinícius. O Vinícius disse muito bem em uma entrevista que o racismo nos estádios espanhóis existe antes de ele nascer. “Não tentem agora me dizer de novo que isso tem a ver comigo. Isso foi inventado por vocês há cerca de 500 anos”. E os lugares reproduzem o racismo.

Todos nós, não importa o lugar, temos que agir imediatamente como comunidade para apoiar o Vinícius. No Twitter, nas redes sociais, onde quer que estejamos. Isso também me encantou no presidente Lula da Silva ao falar sobre o episódio racista contra o Vinícius. Porque se você acredita que isso é uma coisa individual, você está errado. Porque querem colocá-lo como uma coisa excepcional: ‘Ah, aconteceu com ele e nada mais’.

Então, essa é outra condição. Nós, como tribo global contra o racismo, imediatamente diante de um ato racista devemos nos manifestar apoiando a vítima. Se a deixarmos sozinha, então, novamente, estamos nos comportando mal. Portanto, temos que fazer esse esforço.

E assim termino, com um pouco de informação sobre o Fórum Global contra o Racismo. Porque uma coisa muito importante é observar como o racismo impacta em nós, as mulheres. Como acontece a desqualificação permanente que une o sexismo e o racismo no mesmo filme. Que nos diz como deveríamos nos vestir ou não. E nos dizem como deveria ser nossos corpos ou não. E questionam a forma como falamos: ‘Por definição, não é diplomaticamente correto falar dessa maneira, doutora Epsy’. E eu vejo que os senhores falam como querem. E ninguém se ocupa em chegar e dar uma recomendação de como é que tem que falar ou não falar.

Portanto, eu as felicito. Estou feliz em ver tanta gente jovem e cada vez mais jovem. Porque nós temos a esperança centrada em vocês, não é? Eu posso dizer com certeza que nós fizemos, - não é, Nilza? - Uma parte importante da tarefa; que não cruzamos os braços e que começamos desde quando éramos muito meninas. Não acreditem que sempre fomos essas mulheres mais velhas. A juventude passa também. Então, sim, é necessário que sejamos capazes de construir em comunidade. E sentir que nos amamos e nos cuidamos. E que nós, mulheres, fazemos parte de um espaço em que nos protegemos.



Devemos fazer esses cartazes grandes onde se escrevem frases racistas para que não as repitamos jamais, porque elas são inaceitáveis e iremos mostrá-las em todos os lugares. Verdadeiramente, continuamos a construir este novo pacto, este novo acordo, porque desconstruir o racismo é desconstruir as instituições racistas que se criaram com uma base em que nós não éramos considerados nem cidadãos nem cidadãs. Portanto, sempre estamos reivindicando pela cidadania, pela ação afirmativa, por um lugar. Sempre estaremos vendo se colocamos a roupa correta ou a incorreta, que é o que gostamos para dizer que esta é a nossa cultura. Então, precisamos desconstruir essas instituições para construir novos pactos.

E, sinceramente, procurem fazer o que faz a ministra Anielle Franco: estar nos espaços de poder para quebrar essas estruturas, para tomar o microfone, para que não se calem e para gerar um diálogo, em que todos estejam na mesma mesa e nos vejam. Isso é fundamental para a transformação que temos à frente.

## ALEJANDRO DE LA FUENTE

”

Como acadêmico, eu quero contribuir para esta academia. Sou o diretor do Instituto de Pesquisas Afro-Americanas da Universidade de Harvard. Um instituto que está trabalhando com os movimentos sociais desde sua criação.

A primeira grande reunião do instituto foi uma reunião com lideranças, líderes do movimento afrodescendente. A presidenta (Epsy) Campbell estava ali. E fizemos uma coisa que é muito difícil fazer com os acadêmicos e com as acadêmicas também. Que é dizer: calem suas bocas; vamos ouvir. E foi a partir dessas conversas que o trabalho do instituto foi desenvolvido.

A pergunta que acredito que possa ter alguma contribuição aqui é: 'Que coisa pode ser feita a partir da academia? Ou como a academia pode ajudar? Como ela pode apoiar no processo de criação de uma sociedade de inclusão, de sociedades, sem racismo?'

Porque o racismo é também um sistema de saber. O racismo não é conhecimento. O racismo não é apenas uma questão de distribuição desigual. O racismo é tão claro que se reproduz com um sistema de saber. É um sistema de saber que foi naturalizado.

A academia pode contribuir com algo muito importante que é a necessidade de desaprender muitas coisas para reaprender. A ministra mencionou o caso do Vinícius Junior. Mas o interessante é que ao se ler a imprensa espanhola, coisa que faço todos os dias, há uma quantidade de pessoas boas que se perguntam por que tanto barulho sobre isso? É algo ilhado, algo individual.

Portanto, há muita gente que não entende essa agressão. Que não entende o que essa agressão significa. Então, isso é simplesmente porque há algumas ideias, alguns saberes que foram tão naturalizados que parece até mais ou menos normal que uma agressão como essa receba esse lugar.

Se vocês verificarem todos os documentos programáticos do ativismo desde antes da Declaração e Plano de Ação de Durban, em todos esses documentos do movimento social, historicamente a educação tem um lugar central. Se verificarem o Plano de Ação de Santiago, há toda uma seção dedicada à produção de conhecimentos e à necessidade de transformar as universidades.

Portanto, a pergunta que fica é: 'Como?' Precisamos de novos conhecimentos, de desconstruir o idioma racista, como disse a presidenta do Comitê. Precisamos criar espaços antirracistas. A academia, as universidades, os sistemas escolares precisam ter um papel fundamental.

Uma coisa que venho dizendo ultimamente, e serei breve, é que isso não pode ser feito a partir das disciplinas tradicionais. Estamos lidando com um problema do século XXI, mas a academia e as universidades estão organizadas, estruturadas como se estivessem no século XIX. O racismo não funciona no século XIX. O racismo não escolhe trabalhar nesta semana na educação, na semana que vem no gênero, na semana seguinte na violência policial.

O racismo tem uma capilaridade que colore, de fato, todas as relações sociais e todos os espaços de poder. Portanto, como produzimos conhecimento contra isso? Como desmontamos isso? Esse é o desafio que a academia tem. E acredito que isso só pode acontecer a partir dos espaços de produção de conhecimento e do espaço de treinamento multidisciplinar.

Eu tive essa conversa muitas vezes no Brasil, onde existe uma multidão de grupos de pesquisas, como dizem por lá, um talento, um capital humano sem paralelo nas Américas, incluindo os Estados Unidos. Mas eles trabalham em suas caixinhas, trabalham em suas disciplinas, em seus armazéns, de maneira independente. E qualquer política pública que não leve em conta essa multidisciplinaridade não irá alcançar os objetivos que queremos. Porque o racismo não funciona de uma única maneira, não funciona em si. Funciona como um sistema de poder, como um sistema de conhecimentos.

Quando uma pessoa cria programas desse tipo, há outra coisa que acontece. É uma coisa que eu pude observar no instituto durante muitos anos. Esses espaços de poder estão dentro das universidades. Porque há uma luta que também é travada dentro das universidades.

Vejam, por exemplo, o programa de estudos afro-americanos da Universidade de Harvard tem 50 anos. A universidade tem quase 400 anos. Isso já diz tudo. Sim, há uma luta que acontece dentro das universidades. Esses espaços são espaços de empoderamento. São espaços onde as jovens, muitas delas afrodescendentes, que estão se formando, encontram essa solidariedade sobre a qual falava a presidenta Campbell. Encontram espaços de validação, de apoio, de empoderamento que são indispensáveis para suas carreiras.

Acredito também que essa seja parte da resposta que a academia precisa fornecer a essas pessoas. Um dos objetivos da Década, como vocês sabem, é o reconhecimento. O conhecimento é reconhecer, ou seja, conhecer novamente. Não vamos acabar com o racismo sem que haja esse processo.

Então, se o desafio é criar espaços livres de racismo, a academia tem que ser uma indústria de produção desses espaços. Mas para alcançar isso, temos que criar dentro da academia as estruturas que não temos agora mesmo em toda América Latina.





